

L'auteur a utilisé comme système de transcription celui de l'Association Internationale de Phonétique.

Le glossaire proprement dit occupe plus de 226 pages du volume et l'on compte une moyenne de 20 mots recensés par page, le lexique a rassemblé plus de 4500 mots.

Ce travail, qui complète heureusement la thèse soutenue par N.C.W. Spence, comble un vide laissé par l'*Atlas Linguistique de la France*; il importait de fixer dans un glossaire durable un dialecte qui pourrait bien être en voie de disparition. Par les points de comparaison et les parallèles que certaines évolutions phonétiques apportent avec des faits de l'ancien français et du français moderne d'une part, et par des éléments plus nettement propres aux dialectes de Normandie et des Iles de la Manche d'autre part, l'ouvrage intéressera non seulement le dialecticien, l'historien de la langue française mais aussi le linguiste. Puisse aussi ce livre marquer, comme le laisse espérer son auteur, un renouveau d'intérêt des populations pour leur langue maternelle dans un monde qui n'a que trop tendance à se confiner dans quelques grandes langues de civilisation.

Paris.

S.-M. VERGNAUD

PAUL FALK — Sur les vers de Marcabru "Que' i ant fait li buzat d'Anjau, cal desmerill". Separ. de *Studia Neophilologica*, vol. XXXII, n.º 1, 1960, pp. 41-52.

Neste opúsculo, procura P. Falk esclarecer os dois últimos versos, até agora obscuros, da estrofe VII da composição XXXIII de Marcabru (ed. Dejeanne, 1909), que passamos a transcrever:

Cel prohetizet ben e mau
Que ditz c'on iri' en becill,
Seigner sers e sers seignorau,
E si fant ill,
Que' i ant fait li buzat d'Anjau,
Cal desmerill.

Dejeanne apresentara, na sua edição crítica, a tradução seguinte: «Celui-là prophétisa bien et mal qui dit que l'on aboutirait à un bouleversement, que le seigneur serait serf et le serf seigneur; ainsi font-ils déjà; les buses d'Anjou ont agi ainsi. Quel démerite! (quelle décadence!)». A tradução dos dois últimos versos não foi, porém, aceite pelos investigadores subsequentes (E. Levy, W. Hensel, K. Lewent), cujas opiniões P. Falk passa rapidamente

em revista. Delas se retiram dois dados positivos: a) — a expressão *desmerill* deve ser desmembrada em *d'esmerill* (o que permite ver, no último verso, uma alusão a uma ave empregada na caça, o *émerillon* — em port. *esmerilhão* —, da família dos falcões, que o trovador põe em contraste com a *buse* — em port. *bútio* — outra ave de rapina); b) — Marcabru deve ter-se servido de um provérbio tirado da linguagem da falcoaria, do género do assinalado por A. Tobler, em *Li proverbe au vilain. Ja de buizot ne ferez esprevier*.

Estudando a “coisa” ao lado da “palavra”, P. Falk pôde certificar-se de que os atributos do esmerilhão e do bútio justificam efectivamente uma oposição como a que Marcabru teria estabelecido: enquanto o bútio é mau para a caça porque espreita a presa e pode ficar imóvel durante horas, o esmerilhão, audaz e impetuoso embora pequeno, é, por isso mesmo, excelente caçador. (P. Falk cita, a propósito, um texto dos *De animalibus libri 26*, de Albertus Magnus).

A compreensão dos dois versos finais, porém, não é ainda total. A expressão *cal*, efectivamente, continua obscura e, por conseguinte, a articulação da frase difícil de deslindar-se. Ao procurar esclarecer essa palavra, P. Falk realiza um trabalho que é, sem dúvida, um modelo de método de investigação etimológica. Sigamos por isso mesmo atentamente o seu raciocínio:

No tratado em verso *Auzels cassadors*, de Daude de Pradas, encontra-se um exemplo, que não fora ainda assinalado, de uma expressão semelhante — *far cal*, intercalada num contexto onde se enumeram as qualidades boas ou más de um falcão. *Far cal* representa uma qualidade positiva. Como, porém, especificar o seu sentido? Uma variante *caill*, que aparece na edição Schutz do mesmo tratado, permite talvez supor a existência de um *cal* em provençal, que pudesse conhecer um alótopo *caill* com o mesmo sentido. Tal facto poderia verificar-se se aquele *cal* representasse o latim *CALLUM*, ‘calosidade, endurecimento da pele’. A expressão *far cal* de Marcabru e de Daude estaria, evidentemente, empregada no sentido figurado. O italiano e o espanhol — como o português, podemos nós acrescentar — conhecem o emprego de expressões do mesmo tipo *FACERE + CALLUM*, com o sentido metafórico de ‘endurecer o coração, tornar-se insensível’. Para aceitar esta etimologia, seria necessário, porém, verificar a sua conveniência aos dois exemplos conhecidos: se um e outro se referem a aves de rapina, fácil é concluir que a expressão deve ter o mesmo sentido — seja ele qual for — nos dois casos. No texto de Daude, esta etimologia podia ser válida; não o é, porém, no caso de Marcabru, porquanto não é a impassibilidade que distingue o esmerilhão do bútio, mas o ardor, o ímpeto. Ora se é fácil ver a evolução semântica de ‘calosidade’ para ‘endurecimento, insensibilidade, impassibilidade’, não o é já, partindo do mesmo étimo latino, chegar ao sentido de ‘ardor, ímpeto’. Esta etimologia deve, pois, abandonar-se.

P. Falk parte então do texto de Marcabru, ao qual conviria o sentido de ‘ardor’. Podemos pensar então que estamos perante o prov. *cal*, ‘calor’, que permite uma fácil evolução semântica para ‘ardor’ ou para o sentido

frequente no galo-românico 'sentimento vivo de paixão amorosa ou de cólera'. *Chaut* aparece, em francês antigo, como sinónimo de 'colérico' ou 'ardente no combate', assim como os verbos *s'eschauser* e *eschauser* apresentam o sentido de 'encolerizar-se'. Se o verbo simples *chauser* (prov. *calfar*) é menos frequente nesse sentido, não é abusivo pensar que o conhecesse, tanto mais que o inglês *chafe*, tomado ao anglo-normando numa época recuada — como se prova pela forma francesa do particípio presente, *chafant* —, está registado nesse emprego no *Oxford English Dictionary*. No caso de *chafant*, o mesmo dicionário especifica «applied to a boar when represented as enraged or furious» — o que nos faz pensar que *chauser*, intransitivo e absoluto, poderia ter sido usado na linguagem antiga da caça. Ora nada nos impede supor que o antigo prov. *calfar* tenha conhecido o mesmo emprego. É com certeza esse verbo que está na base da locução *far cal*, 'encolerizar-se', uma vez que o latim CAL(I)DU deu naturalmente o prov. *caut*, que existe ao lado de *cal*.

Posta à prova esta nova etimologia, P. Falk verifica que ela convém ao texto de Daude. Um temperamento colérico é uma qualidade positiva numa ave empregada na caça (a variante *caill* seria atribuível a um erro do copista, efectivamente desleixado). Pelo contrário, o texto de Marcabru foge ainda um pouco ao sentido absoluto que queremos dar a esta expressão *far cal* 'encolerizar-se'. Pode, porém, pensar-se que o trovador deu, no corpo da expressão, autonomia ao substantivo *cal*, acrescentando-lhe uma característica determinante; compare-se com o que sucede em francês com a expressão *avoir faim*, transformável em *avoir une faim de loup*. Eis, por conseguinte, a tradução proposta por P. Falk para os versos em questão: «Car les buses d'Anjou y ont fait preuve d'une ardeur d'émerillon».

Na parte final do seu trabalho, o A. consagra algumas palavras à situação histórica a que se referem estes versos.

Coimbra.

OFÉLIA MILHEIRO CALDAS

MAX WÄHREN — *Du pain depuis des siècles. Les formes du pain et la boulangerie au cours des temps, avec de nombreuses illustrations.* Edité par l'Association suisse des patrons boulangers-pâtisseries à Berne, s. d., 106 pp.

Esta pequena obra de Max Währen foi editada pela "Association suisse des patrons boulangers-pâtisseries à Berne" e, como tal, reproduzida em alemão, francês, italiano e ainda em inglês.